

O “CORRER DA PENA” NA *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA: AS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC E JOÃO DO RIO

Fernando Satoru Wroblevski Hirata¹

Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

O presente trabalho aborda a produção de crônicas de dois autores – Olavo Bilac (1865-1918) e João do Rio (1881-1921) – em um período bem específico: o começo do século XX, a *Belle Époque* carioca. O objetivo foi analisar os escritos de cada um, apontando as características encontradas em seus textos. Como os dois escritores viram esse momento histórico que foi marcado por intensas transformações urbanas e sanitárias na, então, capital federal, Rio de Janeiro. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com a leitura das crônicas e de material teórico sobre o tema e elementos relacionados. O trabalho aborda a história e o conceito do gênero crônica em língua portuguesa, além do recorte histórico do período mencionado, em que os textos dos dois autores foram produzidos. Foi possível perceber que, apesar de viverem no mesmo período, os dois escritores tiveram olhares bem específicos para esse momento. Observou-se que o perfil e o estilo de cada escritor influenciaram no modo de observar e de escrever as respectivas crônicas.

Palavras-chave: Crônica. Literatura. *Belle Époque* carioca. Olavo Bilac. João do Rio.

¹ Aluno graduado em Letras – Português e inglês, Licenciatura, pela FAE Centro Universitário.
E-mail: fernandosatoru@gmail.com

² Orientador da pesquisa. Mestre em Literatura. Professor das disciplinas de Literatura Portuguesa/ Brasileira e Língua Portuguesa do curso de Letras, Português e Inglês da FAE Centro universitário.
E-mail: lrcamargo.roger@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A produção de crônicas foi algo que permeou a rotina de diversos escritores na história da literatura brasileira. Diversos nomes – como José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), Lima Barreto (1881-1922), Oswald de Andrade (1890-1954), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), entre outros – conciliaram a escrita de romances/poesias com textos jornalísticos publicados na imprensa de suas épocas. O que chama a atenção é que esse trabalho talvez, secundário, nos jornais nem sempre é tão conhecido pelos leitores dessas obras literárias, por exemplo. Foi a partir dessa questão que se buscou a ideia deste trabalho que analisou, apontando as características da obra, no tocante às crônicas, de dois autores: Olavo Bilac (1865-1918) e João do Rio (1881-1921).

A partir desse contexto, o objeto de estudo pode ser observado pela seguinte delimitação:

Os personagens alvo dessa pesquisa são os dois autores citados, Olavo Bilac (1865-1918) e João do Rio (1881-1921) e a respectiva produção de crônicas que dizem respeito de forma direta ou indireta ao período da *Belle Époque* carioca (a partir de 1904, ano de início da remodelação do Rio de Janeiro). Quanto ao tempo para a produção deste trabalho, o período começou com o pré-projeto no primeiro semestre de 2016, seguiu no segundo semestre com a produção do projeto de pesquisa e chegou ao fim, no primeiro semestre de 2017, com a produção integral do trabalho e posterior defesa oral.

Pode-se apontar como problema de pesquisa: como os dois autores viram o Rio de Janeiro do início do século XX? Quanto aos temas, o que eles abordaram ao tratar da urbanização da capital, a partir de 1904?

A hipótese que orienta este projeto é que João do Rio, por seguir o viés de repórter que peregrinava pelas ruas do Rio de Janeiro, pode ter dado mais espaço para o “popular”, para as figuras anônimas em suas crônicas. Enquanto Olavo Bilac, que tinha grande fama como poeta parnasiano, foi um observador atento das modernizações, mas não no viés tão popularesco como João do Rio.

Assim sendo, os objetivos deste trabalho se dividem em:

Objetivo geral: analisar as crônicas produzidas por Olavo Bilac (1865-1918) e João do Rio (1881-1921) principalmente aquelas do início do século XX, momento a partir de 1904 em que o Rio de Janeiro passava por modernizações urbanas em diversos aspectos, a saber, a *Belle Époque* carioca, levantando as características encontradas nos textos de cada um.

Para tanto, alguns objetivos específicos são necessários:

- Apontar as características das crônicas de cada um dos autores em questão;
- Observar que retrato/registo esse período teve nas crônicas de ambos.

O início do século XX foi marcado por um grande surto de urbanização no Rio de Janeiro. É a *Belle Époque* carioca, quando a cultura francesa dá o tom e influencia a então capital nacional. Com o *slogan* “O Rio Civiliza-se!”, há a abertura de largas avenidas, dentre elas a avenida Central (atual Rio Branco), a avenida Beira Mar, além da reforma da rua do Ouvidor. A implantação da iluminação elétrica e bondes velozes são exemplos de novidades. Na imprensa, as crônicas registravam esse cotidiano. Olavo Bilac e João do Rio, entre outros escritores, produziram esse gênero durante tal período. De trajetórias e perfis diferentes, ambos viveram e presenciaram as mudanças pelas quais o Rio de Janeiro passou, seja com remodelação e saneamento, chegando às invenções modernas, como os primeiros automóveis e exposições de cinema no Brasil.

Dessa forma, este projeto busca jogar luz sobre outra modalidade da produção escrita desses autores mencionados: a crônica. Isso cabe principalmente para a figura de Olavo Bilac que neste recorte temporal era considerado o maior poeta brasileiro de então. João do Rio, por outro lado, não teve o destaque e não atingiu o nível de fama do poeta, porém vale ressaltar que ele é considerado um dos primeiros repórteres do jornalismo brasileiro ao cumprir sua função no que diz respeito à apuração, às andanças pela cidade, bem como pelas conversas com as pessoas e a aguda observação do mundo à sua volta.

Tem-se, portanto, um cenário de efervescência urbana com a modernização do Rio de Janeiro durante a *Belle Époque*: a produção jornalística com o gênero crônica, a relação da imprensa com as mudanças na cidade, a figura de dois escritores cujas trajetórias são diferentes, o que culminou em níveis de fama e reconhecimento diversos, mas que garante dois olhares e pontos de vista específicos para a mesma realidade, além desse ser um momento histórico importante com uma ainda jovem república no Brasil. E é desse contexto que o presente trabalho firmou seu ponto de partida.

1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho foi realizada primordialmente, uma pesquisa bibliográfica. De início, foi abordado o conceito de crônica, no sentido de uma busca de teorias e estudos sobre esse gênero, buscando complementar sua definição, bem como apontando sua multiplicidade de formas e linguagens, além da dificuldade de uma definição única e definitiva. Também foi traçado breve panorama do gênero, juntamente com a trajetória que a crônica percorreu, nos primórdios nos séculos XV e XVI chegando nos séculos XIX e XX, donde se notou que alguns dos principais autores da literatura brasileira tiveram, em sua maioria, uma carreira – no romance, na poesia

ou no teatro – juntamente com a função de cronista nos principais jornais e revistas da história do Brasil. Outro conteúdo estudado foi o contexto histórico e sociocultural do Brasil no período da *Belle Époque* carioca. Mais precisamente a partir de 1904 quando as reformas de urbanização e modernização ocorreram.

Em seguida, foi realizada a leitura das duas obras que trazem crônicas de Olavo Bilac e João do Rio, sendo elas, respectivamente: *Vossa Insolência* (1996) e *A Alma Encantadora das Ruas* (1910). A partir disso, buscou-se aprofundamento sobre a vida e obra de cada um desses dois escritores, por meio de livros sobre história da literatura brasileira e também artigos científicos que tenham focado a vida e a obra deles.

Em suma, este trabalho se baseou única e exclusivamente em pesquisa bibliográfica, portanto, a metodologia utilizada foi a revisão de muitos escritos já disponíveis e produzidos anteriormente. Houve também, a utilização de recursos como fichamentos e resumos para um melhor aproveitamento da leitura e necessária consulta posterior em anotações e citações pertinentes para a construção do texto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CRÔNICA

O jornal impresso, atualmente, não tem a mesma presença entre a população que teve em outros tempos. Alguns fatores, que podem ser tidos como rivais desse veículo, ajudam a explicar essa espécie de derrocada. Um deles, sem dúvida, é a Internet, ferramenta que permite ao usuário o acesso a portais de notícias que fazem um apanhado do que é mais relevante no momento, sempre com uma grande velocidade. Some-se a isso o uso, por parte desses sites de notícias, de outras mídias – o áudio, o vídeo, galeria de imagens etc. – para se modernizar e dinamizar o conteúdo. Com o advento da Internet, os jornais tiveram que se reinventar e buscar adequação ao fluxo constante e intenso de informações que surgem a todo o momento. Isso promoveu mudanças, por exemplo, no estilo do texto, na abordagem e até mesmo na forma como as chamadas são dispostas numa página principal.

Outras ferramentas, que também trouxeram modificações em como se consome informação, são as redes sociais. Com elas, a disseminação de conteúdo, por meio de compartilhamentos, ganhou ainda mais velocidade e pôde atingir um número, anteriormente impensável, de usuários em pouco tempo. O indivíduo que está nas redes sociais não é apenas consumidor de notícias e informações, como também pode

se tornar, facilmente, produtor de novos textos, comentários etc. Todas essas vantagens fazem com que os jornais novamente se reinventem ao utilizar as redes sociais para fins de divulgação de suas notícias, numa busca de cultivar uma relação ainda mais próxima com o leitor/usuário.

No século XIX, obviamente, o mundo era outro e o jornal impresso o veículo para as informações e formação das massas. O trunfo do jornal está justamente no fato de ser único, conforme explica Alana El Fahl (2013):

A atividade jornalística vem somar-se a esse cenário de discussões acaloradas, que nessa fase destaca-se como a mais importante formadora de opinião da sociedade brasileira. A hegemonia da imprensa nesse campo é potente, uma vez que não existiam outros meios de comunicação de massa e a atividade editorial, ou seja, a circulação de livros, ainda era muito incipiente (EL FAHL, 2013, p. 1).

Como se vê, era pelo jornal impresso que muitas ideias, em diversos momentos da história brasileira, tiveram vazão e puderam ser disseminadas para então atingir a população. Além disso, o século XIX viu a independência do Brasil, a abolição da escravidão, a proclamação da república, entre outros eventos históricos. Somem-se a isso, novas correntes filosóficas e científicas – positivismo, evolucionismo, cientificismo e determinismo – que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, culminando com um momento em que a nação vivia um momento pós-república e de fim de século.

Esse homem de letras que escreve no jornal ganha, portanto, importância uma vez que é pelo debate no jornalismo que tensões, polêmicas e discussões intelectuais ocorrem. Há, dessa forma, uma tentativa de nortear o pensamento do público leitor e de formar a população em termos de reflexão e tom crítico quanto a realidade vivida. O gênero crônica, em seus primórdios no Brasil, foi um dos meios de se publicar opiniões: visões de mundo, registro de tendência intelectuais e comportamentais. Nesse contexto, é importante mencionar que esse gênero produzido no Brasil teve influência, na maneira como se apresentava, da França:

A nossa crônica, como hoje é conhecida, é filha legítima do folhetim (do francês *feuilleton*), que consistia em um espaço localizado no rodapé dos jornais, com o objetivo único de divertir ou entreter o leitor, como uma espécie de pausa ou de bônus para os olhos cansados das notícias densas que sempre povoaram os periódicos (EL FAHL, 2013, p. 4).

Nos jornais dessa época, porém, a crônica era conhecida como folhetim. Nesse momento, é necessário que se faça uma distinção. O leitor da época poderia encontrar o “folhetim-romance”, que pode ser definido, como romances fragmentados que

eram publicados em capítulos a cada edição dos jornais. Diversos livros que ganharam destaque na literatura brasileira foram publicados primeiramente em folhetins, que faziam enorme sucesso e garantiam que as vendas dos jornais aumentassem. Uma vez que os leitores acompanhavam as histórias capítulo por capítulo, diariamente. Dentre alguns exemplos de títulos que seguiram esse caminho estão: *O Guarani* (1857), de José de Alencar; *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-1853), de Manuel Antônio de Almeida; *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia; *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), de Lima Barreto; entre outros.

Já a crônica, como se conhece hoje, surgiu de sua forma mais primitiva – o “folhetim-variedades”. É o que explica El Fahl:

Ao lado do folhetim-romance, também nos rodapés dos jornais, lá estava aquele texto de teor diversificado, bem diferente das matérias formais, que se encarregava de registrar e comentar fatos do dia-a-dia. Desse espaço reduzido e “imprensado” nas páginas dos jornais é que surgiu esse gênero narrativo, tão difundido e explorado na atualidade (EL FAHL, 2013, p. 6).

Pode-se, assim, perceber que desde esse período o folhetim (crônica) tinha limitações de espaço, mas mesmo assim, funcionava como uma válvula de escape para o leitor que se informava pelos jornais sobre os acontecimentos tidos como sérios. E com o folhetim, ou “*varietés*” como também poderia ser chamado, tinha um momento descontraído. Esses dois elementos – espaço físico e texto mais leve – podem ser notados até os dias atuais como características ainda presentes nas crônicas.

A trajetória da crônica caminha junto das carreiras de importantes escritores da literatura brasileira. Muitos autores uniram a produção literária com a colaboração na imprensa da época. Um nome de destaque que pode ser citado é Machado de Assis. Outro nome, um dos pioneiros a encabeçar essa lista, como assinala Antonio Candido (1989), é José de Alencar. Candido também aponta as mudanças que o gênero passou em sua forma e em seu conteúdo ao comentar o espaço que Alencar tinha no jornal:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção “Ao correr da pena”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (CANDIDO, 1989, p. 7).

É por esse processo de feitura, de sucesso e de popularização que a crônica, cada vez mais, vai se “abrasileirando” principalmente quando busca se afastar da linguagem

literária erudita tão em voga e muito apreciada entre os círculos intelectuais da época. Isso também é constatado por Candido:

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias [...] (CANDIDO, 1989, p. 8).

Essa simplificação se deve, na escrita da crônica, à tentativa de trazer para o texto não só o cotidiano, mas a fala que se encontra nesse dia a dia da cidade. Exemplos disso são: a conversa que se entoeu ao andar pelas ruas, ao observar a periferia, ao comer no restaurante; os comentários de notícias do momento, em suma, situações cotidianas das mais diversas. Isso permite uma aproximação com a cidade, com a rua e com as pessoas. Esse último elemento, vale ressaltar, pode se referir aos tipos populares, aos de menos destaque.

Nota-se, assim, a possibilidade de associar à crônica alguns elementos do cotidiano, os acontecimentos do dia a dia, o inusitado, a observação das modas e comportamentos etc. Isso tudo, quase sempre, tem relação ao ser humano, habitante da cidade (ou do campo) e que é personagem/protagonista dessas observações. Consequentemente, há a necessidade ou a urgência de transcrever o que se ouve nas ruas, como acima comentado, para o texto da crônica, carregando-a com os traços da linguagem mais simples, mais próxima da falada nas ruas por esses populares. Uma vez que o que se busca é justamente fazer um registro, um instantâneo do cotidiano.

Ao abordar essa resumida trajetória histórica do gênero crônica, já foi possível apontar algumas de suas características. Agora, adentrando propriamente na conceituação desse texto, nota-se que uma das dificuldades está no fato dele trazer consigo certa liberdade que pode ser usufruída pelo seu autor. Esse livre trânsito que o escritor ganha ao se propor a escrevê-la pode variar como aponta o jornalista e cronista Humberto Werneck (2005): “Quase tudo, de fato, cabe nesse rótulo ecumênico, da pequena ficção ao poema em prosa, passando pela reflexão acerca de miudezas do cotidiano. A própria falta de assunto, volta e meia, vira assunto” (WERNECK, 2005, p. 7).

Dessa forma, percebe-se, como menciona Werneck, que, para falar sobre crônica, é preciso, sim, ter em mente a variedade de abordagens. Alguns contos de Clarice Lispector (1920-1977), por exemplo, foram publicados – inicialmente como crônicas ou no espaço reservado para crônicas – no *Jornal do Brasil*, veículo em que ela colaborou a partir de 1967. O texto “Felicidade Clandestina” teve essa trajetória: foi visto primeiro no jornal impresso e posteriormente lançado no livro homônimo de 1971. Nesse sentido, as crônicas podem também ser destinadas ao comentário esportivo: com a ênfase no

futebol. O jornalista Mário Filho (1908-1966) aparece como exemplo. Sendo um dos principais cronistas esportivos da imprensa, ao escrever na revista *Manchete Esportiva* durante a década de 1950. Seu irmão, o também jornalista Nelson Rodrigues (1912-1980), além da carreira de dramaturgo, contista e romancista, também teve incursões na produção de crônicas sobre futebol em diversos veículos de imprensa, tratando, principalmente, dos campeonatos nacionais bem como do “esquete” brasileiro, forma a seleção brasileira era referida nas décadas de 1950, 1960 etc.

Já quanto ao lado humorístico, o gênero pode ser encontrado nos escritos de autores como Stanislaw Ponte Preta – pseudônimo de Sérgio Porto (1923-1968) – Millôr Fernandes (1923-2012), além do escritor gaúcho Luiz Fernando Verissimo, por exemplo. A respeito do último, seu olhar irreverente para as situações do cotidiano, sobretudo da classe média brasileira, fazem com que ele, de certa forma, trabalhe os fatos a ponto de que seja difícil ser traçada a fronteira entre o que é a inspiração do real cotidiano e o que é a produção criativa, ficcional.

Percebe-se, assim, que é uma mistura – de possibilidades de tema e de forma – que torna a crônica um gênero híbrido. Esse fator é uma característica, marcante, quando se pesquisa textos que se propõem a comentar ou analisar o conceito de crônica. Quem sai ganhando com essa multiplicidade – de temas, de abordagens, de estilo textual, de linguagem etc. – é justamente o leitor, que pode adentrar em um universo rico e variado.

Tudo isso pode levar o leitor a se deparar com o outro lado dos escritores – tanto de poesia como de prosa – que também produziram crônicas durante suas carreiras. Um ponto interessante a se notar é que geralmente, eles são mais lembrados e reconhecidos em seus ofícios “originais” do que como cronistas.

2.2 A BELLE ÉPOQUE CARIOCA

O Brasil, no pós-proclamação da República (1889), avançou no ponto de vista político: depois de muito tempo como império, finalmente novos ares haviam chegado e o Brasil era uma república, além disso, a abolição da escravidão aconteceu no ano anterior. Porém, o Rio de Janeiro, então centro político e capital federal, enfim, a cidade importante da época como espaço de vivência e convivência, não avançou, não progrediu, não perseguiu, como aponta o historiador Nicolau Sevcenko (2009) “as demandas dos novos tempos” (SEVCENKO, 2009, p. 40). Não houve mudanças que pudessem acompanhar essa nova república, como modernização urbana no que diz respeito à evolução sanitária, melhorias no saneamento, enfim maior conforto e bem estar para a população que vivia na então capital federal. A cidade continuava arcaica

ao se tratar da parte urbanística, estrutural, transportes, vias e ruas para deslocamento etc. Isso tudo fazia com que o Rio de Janeiro fosse uma cidade de destaque, mas ao mesmo tempo provinciana.

Apesar disso, a influência europeia nos quesitos materiais e culturais existia e produziu “uma verdadeira febre de consumo” (SEVCENKO, 2009, p. 40). Isso invadiu a cidade, que estava “voltada para a ‘novidade’, a ‘última moda’” (SEVCENKO, 2009, p. 40). Percebe-se, de um lado, uma busca por novidades europeias, mostrando a forte influência, na época, do velho continente. Do outro, a capital brasileira, com suas efervescências políticas, mas que ainda era uma metrópole arcaica.

Era preciso, portanto, mudar esse quadro. Garantir uma cidade salubre, saudável, melhorar o aspecto da cidade eram algumas das ações a serem realizadas para melhorar a imagem brasileira no exterior, e quem sabe, inaugurar, finalmente, um novo tempo no Brasil, ainda com uma relativamente nova república.

Em 1904, teve início na então capital federal Rio de Janeiro, um intenso processo de urbanização da cidade. Buscava-se, naquele momento, o ideal francês de elegância e modernidade como norte. É a *Belle Époque* carioca. Largas avenidas são inauguradas, diversos imóveis são desapropriados e derrubados: remodelação e saneamento eram duas frentes prioritárias. Percebem-se assim mudanças físicas e culturais, ambas, de influência estrangeira: francesa. Outros símbolos dessa nova fase da capital brasileira são a iluminação elétrica, os bondes velozes, o cinema e o automóvel.

Para que essa nova fase da capital pudesse ser realizada, para o Rio de Janeiro ganhar novos ares, um preço teve de ser pago. Muitas foram as desapropriações para que as largas avenidas e ruas pudessem ser construídas. É possível perceber que foi uma mudança não apenas na cidade como também na vida de uma população menos favorecida que já se encontrava na capital nacional e teve de ser “deslocada” para os morros, iniciando a formação das ainda existentes favelas.

3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

3.1 OLAVO BILAC

O carioca Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) está registrado na história da literatura brasileira como grande nome da poesia parnasiana. Ele é autor de conhecidos poemas como “Profissão de Fé” e “Via Láctea”, que traz o famoso verso “Ora (Direis) Ouvir Estrelas”, entre outros. Ao lado de nomes como Alberto Oliveira

(1859-1937) e Raimundo Correia (1860-1911) formou a famosa tríade parnasiana. Esse movimento literário buscava, por exemplo, resgatar formas poéticas tradicionais, o cuidado com a escolha do vocabulário, além de grande preocupação com a técnica na produção poética. Enfim, o fator estético em larga importância. Outro ponto marcante de sua relação com a literatura foi a participação do poeta na fundação da Academia Brasileira de Letras (1897).

A preocupação com o Brasil e com a realidade do país foi algo predominante na trajetória de Bilac, em diferentes áreas. Pode-se citar a ampla campanha que ele empreendeu pelo serviço militar obrigatório, além de símbolos nacionais com a autoria da letra do *Hino à Bandeira*. Outra importante área muito defendida pelo poeta era a educação básica e a importância da alfabetização da população. Concebe-se, assim, um autor preocupado com questões cívicas e com a valorização e o progresso do Brasil. Esses esforços o fizeram ganhar a classificação de “poeta cívico” (BOSI, 2006, p. 241).

Foi com a crônica que o poeta pôde dar vazão às suas observações, registrando suas visões e opiniões sobre os diversos fatos do Rio de Janeiro de seu tempo: uma cidade em plena transformação. Além de desenvolver seu senso crítico nas páginas dos jornais, serviu, é claro, como grande formador de opiniões.

Com a leitura e análise das crônicas, pôde-se perceber o perfil cívico de Bilac, que declara todo seu amor à cidade onde vive e ao povo que habita o Rio de Janeiro. Seu posicionamento é extremamente a favor de todas as reformas, com vistas sempre a melhorias do espaço urbano e educação do povo. Uma ressalva a se fazer é que, apesar de mencionar a população em certos momentos de algumas crônicas, o poeta não comentou o fato de que muitas pessoas que moravam no centro ficaram sem casa para que as obras pudessem ocorrer, e tiveram que ir em direção aos morros para ter algum espaço de moradia. Foi, talvez, o preço que se pagou por toda essa modernização, mas que passou em branco na pena de Bilac: tal situação não foi mencionada nas crônicas pesquisadas.

Em suma, pode-se perceber o cronista Olavo Bilac como um atento observador das novidades e transformações do Rio de Janeiro de seu tempo. Isso se nota nas crônicas sobre o cinematógrafo e a verdadeira mania que esse novo entretenimento se tornou na época e também nos textos que tratam das transformações da cidade: com as construções de avenidas, palácios, prédios, enfim, o progresso e a modernização da então capital federal.

Por seu perfil crítico e com engajamento político/social, o poeta pôde, por meio das crônicas, emitir suas visões e seus posicionamentos sobre o que observava quanto as diversas questões relacionadas a essas mudanças. Um exemplo é quando Bilac trata da Revolta da Vacina – evento visto por ele como um atraso – assim como o analfabetismo que tornava a população suscetível a ser influenciada de forma negativa.

Por isso, Bilac foi um cronista atento e lançou ênfase para o fator social do Rio de Janeiro. Cidade pela qual – assim como o próprio Brasil – ele demonstrou sentir muito amor, chegando a ser considerado um poeta cívico. Sendo assim, alguém extremamente preocupado com o progresso e com a melhoria da nação e sua capital. Foi pelas suas crônicas que tais fatores e características ganharam registro.

3.2 JOÃO DO RIO

João do Rio é o pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921). Carioca e jornalista, ele é considerado, juntamente com Euclides da Cunha, “um dos primeiros repórteres da imprensa brasileira” (WERNECK, p. 21, 2007). Tal reconhecimento talvez se deva ao seu faro jornalístico, que o fazia andar pelas ruas do Rio de Janeiro na busca dos assuntos e dos diversos personagens por ele abordados nas crônicas.

E a relação do ainda Paulo Barreto com o jornalismo começou ainda na adolescência. É o que Maria Salete Magnoni (2013) relata: “João do Rio começou sua atividade jornalística antes mesmo de completar 18 anos publicando em 1º de junho de 1899, no jornal A Tribuna, o texto ‘Lucília Simões’, crítica sobre a peça Casa de bonecas, do dramaturgo norueguês Ibsen” (MAGNONI, p. 93).

Passados poucos anos dessa estreia, Paulo Barreto se tornou João do Rio, aos 22 anos. Ele assinou sua primeira reportagem, com esse nome, publicada no jornal Gazeta de Notícias, em 1903. Tal pseudônimo não poderia ser mais apropriado para um escritor com relação tão forte com sua própria cidade.

A primeira leva de crônicas do livro *A Alma Encantadora das Ruas* chama-se “O que se vê nas ruas”. Com um nome sugestivo, essa parte se liga diretamente com uma das características que a crônica pode apresentar: beber na fonte do circunstancial, do cotidiano. E, no caso de João do Rio, isso significa pinçar temas e personagens das suas andanças e perambulações pelas ruas cariocas de seu tempo: começo do século XX. O curioso, o inusitado, o popularesco, enfim, a gama de adjetivos é variada para classificar sobre o que se lê ao acompanhar o olhar desse cronista.

É possível notar que João do Rio dispensa grande atenção às figuras simples do cotidiano de então, mas, que mesmo sendo anônimos podem ter algum destaque.

Nota-se dessa forma, que o cronista se fixa às características físicas para fazer descrições marcantes e até pesadas dos indivíduos com que depara em suas andanças, fora isso, locais observados e percorridos também são descritos com atenção que surpreende. Tais perambulações tem como objetivo conhecer a cidade em que se vive

e que, com sua multiplicidade, forma uma amostra variada de seres humanos vivendo numa mesma capital. É possível perceber que João do Rio faz questão de trazer o outro lado do Rio de Janeiro: desconhecido, sujo, cru, popular, pobre e até mesmo sub-humano.

Esses elementos são encontrados na mesma cidade que, nesse período, buscava se limpar e higienizar usando diversas operações urbanísticas, arquitetônicas e de saneamento. A missão de João do Rio, nesse cenário, é fugir da Avenida Central, do centro carioca reformulado e jogar luz nesses ambientes, geralmente escuros, que grande parcela da população vive em condições não ideais. É o Rio de Janeiro desconhecido – ou que muitos fazem questão de ignorar – que importa e interessa, para os olhos e para a pena de João do Rio em plena *Belle Époque* carioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa foi possível notar, a respeito do gênero crônica, a riqueza que esse texto possui. Isso se percebe na liberdade que muitas vezes o autor tem de brincar com a temática, com a forma de escrever, entre outros; além de se adequar ao espaço delimitado do jornal. Apesar disso, a crônica ainda sofre algumas discriminações, sendo, em certas ocasiões, tratada como gênero menor. Só a observação dos grandes escritores que, juntamente com seus ofícios originais – romance, poesia – cultivaram a produção de crônicas nos jornais, já mostra que há muito que se analisar e, obviamente, conhecer do que foi produzido sob essa modalidade. Nota-se, ainda, que o Brasil é um país privilegiado por ter levado esse gênero à um patamar de destaque e por ter sido o berço de inúmeros cronistas de alto nível, em diversos períodos da história.

O período da *Belle Époque*, como observado, foi extremamente efervescente. Isso tanto no aspecto político, pela vivência do momento histórico de um Brasil de ainda jovem república; assim como no aspecto social/urbano, com as inúmeras mudanças urbanísticas, sanitárias e de modernização que a então capital federal brasileira foi alvo. A influência era francesa, o que fez com que se buscasse mais o que se vinha de fora do que aquilo que era genuinamente brasileiro. A tudo isso ainda se observou ainda chegada de diversos artefatos de um mundo que se modernizava: o cinematógrafo, os primeiros automóveis, entre outros.

Na parte final deste trabalho, foi proposta uma análise das crônicas de Olavo Bilac (1865-1918) e João do Rio (1881-1921). Algumas crônicas de cada um dos autores foram selecionadas e analisadas conforme o conteúdo e a forma com que a escrita foi desenvolvida. Sabendo-se que o período histórico – começo do século XX, *Belle*

Époque – era de transformações, o que foi pertinente se abordar, conforme o perfil de cada um deles.

Olavo Bilac foi um cronista que se ligou muito ao factual do Rio de Janeiro de seu tempo. Nesse sentido, foi possível perceber que ele abordou em seus textos as transformações urbanas – abertura de avenidas, construções de prédios, higienização – além do combate a certos costumes da população quanto à civilidade e educação, que era parte integrante da campanha de melhoria e modernização da cidade. Também retratou o surgimento e a mania que se tornou as exposições do cinematógrafo, cujos filmes curtos levaram imagens do mundo à população carioca: o cinema em seus primórdios.

Assim, com a leitura das crônicas, pôde-se notar toda a preocupação desse escritor nacionalista, apaixonado pelo Brasil, com o progresso da nação, com as melhorias da cidade e com as melhores condições de vida para a população, com trabalho e também com a educação, fator esse muito defendido por ele. Se em sua produção poética o Brasil estava de certa maneira presente, foi com as crônicas, que o escritor pôde dar ainda mais vazão às suas ideias e críticas atingindo ao mesmo tempo um público, leitor dos jornais, ainda maior. Vale ressaltar que, nas crônicas de Olavo Bilac foi possível encontrar momentos de certa “exaltação poética”, uma vez que o autor lançou mão de recursos como os vocativos e os pontos de exclamação para dar ainda mais ênfase e força a sua prosa.

João do Rio, com suas crônicas, jogou luz nos tipos humanos diversos e que se encontravam principalmente nas classes mais populares da cidade. Nas crônicas estudadas, ele não se “importou” necessariamente com o que estava acontecendo com o Rio de Janeiro da *Belle Époque* – melhorias, reformas, novidades de entretenimento – preferindo buscar seus temas e personagens do que ele via nas ruas com suas andanças e perambulações por regiões que não eram a prioridade das mudanças urbanas. Suas crônicas podem ser encaradas como um convite ao leitor, para que conheça uma capital federal diferente daquela dos cartões postais. Quanto aos temas, ele pôde percorrer assuntos como inusitadas profissões, a presença de cocheiros em uma cidade buscando modernizar-se, a Missa do Galo como evento menos religioso e mais de diversão e até mesmo a presença de imigrantes chineses, e suas casas para o consumo de ópio, no Rio de Janeiro.

Vale registrar uma constante nas crônicas de João do Rio: a presença de descrições minuciosas dos cenários, dos lugares pelo qual o cronista percorre e, é claro, dos indivíduos encontrados. Serve para situar o leitor e compartilhar com ele um pouco do que se via como também, mostrar a veia literária, com tons realistas e até mesmo naturalistas, desse escritor. Com as contribuições de João do Rio pode-se ter o registro escrito de um Rio de Janeiro acima de tudo múltiplo. Na mesma capital - que buscava se limpar e higienizar - havia também uma gama enorme de tipos humanos em uma cidade aparentemente desconhecida: suja, crua, popular, pobre, quem sabe até sub-humana.

REFERÊNCIAS

BILAC, O. **Vossa Insolência**. Antonio Dimas (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, C. D. de et al. **Para gostar de ler**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1989. v. 5. p. 5-13.

EL-FAHL, A. F. Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE PERIÓDICOS LITERÁRIOS, 4., 2013, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: UEFS, 2013. Disponível em: <http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf>. Acesso em: 08 maio 2016.

MAGNONI, M. S. Dois Barretos e um Rio de Janeiro. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 90-101, jan./jun. 2013.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**. Raúl Antelo (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WERNECK, H. As aves que aqui gorjeiam. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, jan. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,aves-que-aqui-gorjeiam,10000007396>>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____. (Org.). **Boa companhia crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Um gênero tipicamente brasileiro. In: _____. (Org.). **Boa companhia crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 7-12.